



A Cafeicultura no Rio de Janeiro

José Ferreira

A história já é conhecida, mas vale à pena lembrar: o Estado do Rio de Janeiro já foi o maior produtor de café do Brasil no século XIX, atingindo o auge de sua produção no período de 1860 a 1890, quando produzia por volta de cinco milhões de sacas de café beneficiadas de 60 Kg, numa época em que a mão de obra era farta e barata. O café era a maior riqueza. Grandes fazendas foram erguidas e o Vale do Paraíba era uma lavourada só. Época dos Barões do Café.

Com a abolição da escravidão depois o desenvolvimento industrial na região a mão de obra foi-se tornando cada vez mais cara e escassa, aliado ao depauperamento do solo, baixando a produtividade das lavouras, deu início a decadência do café no Rio de Janeiro, tornando a cultura inviável e, o café aos poucos, foi-se migrando para terras mais férteis de outros estados da Federação.

Já no século XX, na década de 1960, o café quase desapareceu das montanhas do Rio de Janeiro com o incentivo de um

plano de erradicação para substituição de lavouras depauperadas improdutivas, patrocinado pelo Governo Federal.

Na década seguinte, o plano era de incentivo ao plantio. O governo lançou o Plano de Recuperação e Revigoração de Cafezais (PRRC) do Instituto Brasileiro do Café que voltou a reerguer a cafeicultura nacional num modelo tecnificado, mas, no Rio de Janeiro o resultado não foi o esperado; houve uma baixa adesão do cafeicultor fluminense ao programa de incentivo do governo.

Cafeicultura Atual

Passadas algumas décadas dessa tentativa de reerguimento da cafeicultura no Estado do Rio de Janeiro, hoje o que desperta atenção não é o volume de sacas produzidas, como no passado, mas a qualidade do café que é produzido. A maneira de cultivo e o preparo do café passou por uma transformação total nos últimos anos. E isto resultou que o Rio de Janeiro de tradicional produtor de cafés inferiores (bebida riada) passou a produzir um volume considerável de cafés finos (bebida dura para melhor), quando a partir de 2003

iniciou-se a produção de cereja descascado pelos produtores do Noroeste Fluminense, principal região produtora do Estado com 70% do total que é colhido. Dados concretos mostram a evolução da melhoria na qualidade do café produzido no Noroeste: 51% das amostras de café que foram classificadas pela Cooperativa de Café do Norte Fluminense Ltda (Coopercanol) na safra passada foram de bebida dura para melhor e apenas 7% de bebida rio zona. Esses percentuais, a poucos anos atrás, eram inversos.

O trabalho de melhoria de qualidade de café foi intensificado nas safras de 2014 e 2015 com um programa de produção de cafés especiais no Noroeste. O Programa foi patrocinado pelo Sebrae em parceria com o Ministério da Agricultura (SFA-RJ), Emater-Rio, Associação dos Cafeicultores do Estado do Rio de Janeiro (ASCARJ), Senar, Coopercanol e Prefeitura Municipal de Varre-Sai. Esse programa consistiu numa consultoria do professor Flávio Meira Borém, especialista em Qualidade de Café, da Univer-

sidade Federal de Lavras com uma equipe de mais oito técnicos também especialistas em qualidade de café que assistiram durante os dois anos a 25 produtores de café na região. Os produtores foram acompanhados pelos técnicos durante todo o período de colheita sendo orientados em todas as fases de pós-colheita. Os resultados foram satisfatórios conforme mostra o relatório final dos trabalhos em que 60% das propriedades assistidas conseguiram produzir café especial com pontuação acima de 80.

Outro grande ganho na cafeicultura do Rio de Janeiro está na produtividade. As lavouras vêm sendo bem conduzidas, com isso, apesar de uma pequena redução na sua área plantada, a produção vem se mantendo em torno de 300 mil sacas/ano, podendo ter atingido a 350 mil sacas no ano de 2013 com uma produtividade acima de 30 sacas por hectare. Para safra de 2016, segundo o primeiro levantamento de previsão de safra da Conab, a produção será de 309,5 mil sacas ou média de 25 sacas por hectare.

Uma grande deficiência que tem causado sérios prejuízos ao cafeicultor fluminense poderá



Armazém da Coopercanol

ser resolvida ainda nesta safra de 2016. É o caso da comercialização. A maioria do café do Rio de Janeiro é vendida para comerciantes de Minas e Espírito Santo onde é rebeneficiado. A Cooperativa de café do Norte Fluminense Ltda (Coopercanol) fundada em 1977, graças a uma luta incansável da Associação dos Cafeicultores do Estado do Rio de Janeiro (ASCARJ) e outras entidades ligadas aos interesses da cafeicultura fluminense, conseguiram recursos junto ao BNDES para sua reestruturação. A Cooperativa possui hoje armazém com capacidade para 20 mil sacas de café, duas máquinas ambulantes (adquiridas com recursos do Governo do Estado) para beneficio do café dos cooperados em suas propriedades e uma moderna unidade

de Rebeneficiamento capaz de preparar o café para exportação, agregando assim valor ao produto. A Coopercanol está sediada no município de Varre-Sai, que leva o título de Capital Estadual do Café por ser o maior produtor com 30% da produção do Estado, contando com 154 cooperados e está preparada para receber café de todo o Estado do Rio de Janeiro e de regiões próximas como Zona da Mata Mineira e Sul do Espírito Santo. Trata-se de um fato de grande relevância para a cafeicultura do estado, pois reduzirá o êxodo fiscal, conferindo mais recursos aos cofres dos municípios produtores de café; fortalecerá a competitividade do cafeicultor e poderá transformar Varre-Sai e região num Centro de Comercialização do Agronegócio Café. ☺

Alguns dados

- ▶ Cafeicultura de pequenos produtores, maioria familiares com 75% com área plantada abaixo de 10,00 ha.
- ▶ Área: 12.538 ha
- ▶ Número de covas: 49.500.000
- ▶ Produção: 309.600 sacas em 2015 (Conab)

Principais Municípios Produtores

- ▶ Noroeste:
 - Varre-Sai
 - Porciúncula
 - Bom Jesus do Itabapoana
 - Natividade
- ▶ Serrana:
 - Bom Jardim
 - Duas Barras
 - São José do Vale do Rio Paraíba
 - Cantagalo